



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO
INFANTIL

ADRIANA DE ALMEIDA PAIM

O BRINCAR ARTICULADO:
AS MÚLTIPLAS FACETAS DA CRIANÇA

Salvador

2016

ADRIANA DE ALMEIDA PAIM

**O BRINCAR ARTICULADO:
AS MÚLTIPLAS FACETAS DA CRIANÇA**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como parte dos requisitos para fins de obtenção do título de Especialista em Docência na Educação Infantil.

Orientadora: Profa. Dra. Leila da Franca Soares

Salvador

2016

Este trabalho é dedicado a Gersonita, mãe, por ter me ensinado as primeiras letras.

Às crianças que fizeram, fazem, e farão parte do grupo de brincantes produtores de conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, por sempre estar caminhando lado a lado e iluminando os meus passos.

A Gersonita de Almeida, minha mãe, que sempre esteve me dando forças e incentivando a sempre lutar pelos meus objetivos.

Ao grupo de ACPP e demais funcionários do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil, que estavam todos os sábados a nos apoiar.

Às colegas do curso, que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão do curso.

A orientadora Leila Franca que esteve atenta, auxiliando para que pudesse finalizar a pesquisa.

A toda família pelo apoio e carinho.

PAIM, Adriana de Almeida. **O brincar articulado**: as múltiplas facetas da criança. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

RESUMO

Este estudo investiga como a brincadeira incentiva a criança a se envolver, espontaneamente, durante as práticas brincantes, tendo como objetivo geral analisar os modos como as crianças da Educação Infantil se relacionam uma com as outras nos momentos das brincadeiras, tendo como objetivos específicos conhecer sobre a importância da brincadeira e interação na educação infantil, observar a interação entre as crianças, descrever os fatores que implicam na boa convivência e descrever as contribuições dos jogos e brincadeiras para a socialização da criança. Para isso, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, utilizando referências significativas e relevantes para a discussão dessa temática como Oliveira (2011), Wajskop (1997), Vigotski (1998), Bomtempo (2011), Brougère (2011), Machado (2007), entre outros. Posteriormente, foi feita pesquisa de campo na turma do grupo 5 (cinco) da Educação Infantil, numa Escola Municipal de Mata de São João, através de observações das brincadeiras e entrevistas com as crianças, onde foi possível perceber que através da brincadeira as crianças tem acesso ao processo de criação, recriação e também conseguem concluir o que já conhecem, sendo relevante para o desenvolvimento infantil o papel do professor como mediador, não só como organizador dos espaços para a brincadeira, mas como ponte para as interações que revela o ser como produtor do conhecimento, permitindo, assim, que este se envolva de forma espontânea. Desta forma, o brincar revela o quanto a criança consegue extravasar suas emoções, sentimentos, na medida em que interage com os sujeitos de idades iguais ou diferentes e através dos objetos, se envolvendo de forma cada vez mais natural. Esse envolvimento acontece na medida em que as crianças brincam e interagem com mais intensidade, sentindo, cada vez mais, a necessidade de estar com os seus parceiros, desenvolvendo-se ao longo durante a infância.

Palavras-chave: Brincar. Interações. Educação Infantil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. O BRINCAR NA INFÂNCIA.....	14
2.1. O BRINCAR DE FAZ DE CONTA.....	22
3. AS INTERAÇÕES NO CONTEXTO EDUCATIVO.....	28
4. O BRINCAR E AS INTERAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Desde criança gostava muito de estar envolvida com crianças menores ou um pouco maiores do que eu para brincar de escolinha, havendo sempre cuidados uns com os outros. Em casa, tinha minha mãe que era professora, sempre que deixava, ajudava nos trabalhos escolares. Passar o tempo fazendo esse tipo de atividades me deixava muito feliz, pois me sentia como parte do processo, aumentando cada vez mais o gosto pela função do professor e pelas crianças. Me lembro que onde chegava, até hoje acontece, as crianças se aproximam para conversar e brincar comigo.

O gosto pela atividade exercida pelo professor, com o passar do tempo, se tornou uma pequena prática em sala de aula, onde exercia a função de auxiliar considerada de grande importância para mim. Aos 18 anos, sendo auxiliar de classe, voluntária, numa sala de educação infantil, me sentia atraída pelos olhares curiosos dos alunos e importante por estar fazendo parte do novo que aquelas crianças estavam, dia a dia, adquirindo. Aos 19 anos, fui convidada por uma diretora, para ser professora de uma escola da rede particular, assumindo uma turma de crianças com 5 (cinco) anos de idade com responsabilidade e compromisso. Cada dia era um novo encontro, onde grandes emoções tomavam conta de mim e faziam com que me sentisse cada vez mais motivada a ir em busca de novas práticas que possibilitavam às crianças exercitarem suas habilidades e competências, atingindo níveis de aprendizado significativos.

Após 3 (três) anos numa mesma escola, tive a oportunidade de lecionar em outra unidade escolar, onde já estava inserida no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto, o que facilitou o exercício da profissão através de embasamentos teóricos, levando à prática pedagógica. Desta maneira, o trabalho desenvolvido em sala de aula ia se tornando cada vez mais gratificante e favorável ao aprendizado da criança. Novas técnicas iam sendo aplicadas em busca da criança expressiva, motivadora, questionadora, que explora o que está a sua volta, aumentando o seu potencial cognitivo.

Mudei de escola, mas não deixei de lidar com os encantos da criança de 4 (quatro) ou 5 (cinco) anos de idade, as novidades que traz de casa, as brincadeiras que pratica, as histórias que cria, as leituras e atividades que realiza, tudo contribuindo para o novo olhar educativo que enriquece a prática no ambiente

educacional, percebendo o que a criança necessita para aprender cada vez mais, sem esquecer que ela é detentora de saberes indispensáveis ao próprio desenvolvimento.

Ao concluir o curso de Pedagogia já fazia parte da rede municipal de Mata de São João, trabalhando com turma de educação infantil. As brincadeiras eram presentes e já compreendia o quanto o brincar se torna de grande importância para o aprendizado da criança. Cada vez que uma prática era desenvolvida no ambiente educativo, através do brincar, fui percebendo a motivação da criança, o entusiasmo, o desejo de repetir a atividade brincante e o quanto estava disposta a desempenhar aquilo que era proposto.

As músicas cantadas, no dia a dia, durante a rotina me faz sentir como criança e lembrar os embalos do corpo, as diferentes vozes, os diferentes tons. Quando uma mãe chega na escola comentando que seu (sua) filho (a) canta em casa as músicas que aprendeu, ou menciona o que fez na sala é encantador e prazeroso, pois sinto que minha parte na produção do conhecimento da criança está sendo cumprida, porém existe algo que precisa ser revisto quando o assunto é educação.

Nos momentos onde a criança tinha como atividade pedagógica a criação de um desenho a partir da discussão do final de semana por exemplo, percebo que muitas histórias, ali, são contadas, cada uma com suas particularidades específicas, deixando claro as vontades, os desejos e as expressões desses pequenos sujeitos. Esses enredos, ao longo do tempo, se modificam e ganham novos enfeites, o que me faz acreditar no pensamento abrangente delas e na possibilidade de criar e recriar em diferentes momentos. Vale ressaltar que me sinto muito encantada com o grupo de 4 (quatro) e o de 5 (cinco) anos, cujo momento é de descoberta, e vejo a necessidade de estar sempre em busca de novos conhecimentos que permitam compreender melhor sobre a aprendizagem dessas crianças.

Portanto, dentre toda a experiência vivenciada com alunos da educação infantil, ser selecionada para fazer parte do Curso de Especialização em Docência na Educação Infantil foi muito importante, pois me permitiu aprender mais sobre a criança e suas particularidades, sua forma de se relacionar no meio social e a lidar com novas situações necessárias ao aprendizado delas.

O curso iniciou no dia 28 de novembro de 2014 com o Seminário de Pesquisa em Educação Infantil que trouxe reflexões acerca do que as crianças podem revelar

nas próprias ações, onde o olhar do professor passa a ser fundamental para que este possa oferecer meios para o desenvolvimento dos alunos. Desta maneira, não basta que deixe a criança num espaço, seja da escola ou qualquer outro lugar, no momento em que se junta com outras, interagindo entre si e com os materiais que são disponibilizados, há uma exigência em estar observando e escutando o que elas dizem, através das suas ações com o imaginário.

É importante também salientar que a disciplina Letramento, Oralidade, Cultura e Escrita permitiu que fizesse uma reflexão sobre a educação infantil, suas rotinas e brincadeiras, as vozes das crianças, as cantigas, enfim o cuidar, o brincar e o educar que são a base para a educação infantil e que permitem o desenvolvimento da criança sem que ela ultrapasse etapas significativas, capazes de proporcionar uma leitura de mundo através do movimento do corpo, do toque, da fala, enfim tudo que diz respeito ao seu eu. Além disso, não se pode esquecer de um fator de grande importância, a escuta sensível por parte de quem se compromete com o cuidar, o brincar e o educar, que garante o pleno desenvolvimento, onde me proponho a ouvir mais para então, possibilitar, intervenções que permitam avanços significativos para as crianças.

Na disciplina Infâncias e Crianças na Cultura Contemporânea e nas Políticas de Educação Infantil: Diretrizes Nacionais e Contextos Municipais, ao assistir o vídeo “Invenção da criança”, foi possível observar que nem toda criança vive sua infância de forma ideal, onde possam subir numa árvore e pular “amarelinha” ou “macaca” sem se preocupar com o perigo ou com as horas que se passam. As próprias crianças nos dizem que a infância lembra brincadeira, porém, muitas vezes, não é assim que funciona, pois algumas delas são obrigadas a trabalhar para ajudar no sustento da família, e mesmo matriculada na escola não percebe a brincadeira no ambiente por ter que se preocupar com a hora que sairá para o trabalho. O fato da brincadeira fazer parte da vida de uma criança e esta não poder desfrutar das atividades brincantes me chama muito atenção, pois mais adiante, com o passar do tempo, essa ausência será refletida na vida adulta.

Dessa forma, a questão acima, quando refletida no contexto educativo, coloca o professor, por sua vez, no lugar de quem deve se interessar pelo que a criança sente no momento da brincadeira, criando, inclusive ambientes propícios. No Manual de Orientação Pedagógica, módulo IV, parte da coleção Brinquedos e Brincadeiras

nas Creches, do Ministério da Educação, BRASIL (2012), é possível observar uma discussão sobre a importância das brincadeiras, como ilustrado abaixo:

Sua importância reside no fato de ser uma ação livre, iniciada e conduzida pela criança com a finalidade de tomar decisões, expressar sentimentos e valores, conhecer a si mesma, as outras pessoas e o mundo em que vive. Brincar é repetir e recriar ações prazerosas, expressar situações imaginárias, criativas, compartilhar brincadeiras com outras pessoas, expressar sua individualidade e sua identidade, explorar a natureza, os objetos, comunicar-se e participar da cultura lúdica para compreender seu universo. Ainda que o brincar possa ser considerado um ato inerente à criança, exige um conhecimento, um repertório que ela precisa aprender. (BRASIL, 2012, p. 7)

Durante as brincadeiras a criança descobre e conquista elementos que permitem o seu desenvolvimento. É preciso compreendê-la, oferecer o que realmente precisa e não somente organizar planejamentos e propostas de atividades, mas garantir que estas não priorizem uma forma mecânica de ensino e de aprendizagem. O Manual de Orientação Pedagógica, referente aos Brinquedos e Brincadeiras nas Creches, módulo IV, do Ministério da Educação, nos acrescenta:

A pouca qualidade ainda presente na educação infantil pode estar relacionada à concepção equivocada de que o brincar depende apenas da criança, não demanda suporte do adulto, observação, registro nem planejamento. Tal visão precisa ser desconstruída, uma vez que a criança não nasce sabendo brincar. Ao ser educada, a criança deve entrar em um ambiente organizado para recebê-la, relacionar-se com as pessoas (professoras, pais e outras crianças), escolher os brinquedos, descobrir os usos dos materiais e contar com a mediação do adulto ou de outra criança para aprender novas brincadeiras e suas regras. Depois que aprende, a criança reproduz ou recria novas brincadeiras e assim vai garantido a ampliação de suas experiências. É nesse processo que vai experimentando ler o mundo para explorá-lo: vendo, falando, movimentando-se, fazendo gestos, desenhos, marcas, encantando-se com suas novas descobertas. (BRASIL, 2012, p. 7)

Diante disso, em relação a minha prática docente, comecei a observar as crianças do grupo de 5 (cinco) anos durante as brincadeiras livres e dirigidas, devido ao fato de existir um aluno que não conseguia se envolver livremente. Percebi que durante os momentos livres os alunos da turma costumavam organizar os grupos por tipo de brincadeira, excluindo alguns colegas que, em certos momentos, têm o desejo de participar e em outros momentos tem iniciativa própria para formar outro grupo para outro tipo de brincadeira, não deixando de brincar.

Nota-se, aí, que muitos alunos conseguem resolver seus conflitos em grupo, mas existem crianças que negam a se unir a algum grupo por iniciativa própria. Já nas atividades dirigidas, onde o professor organiza o tipo e a forma de brincar, o aluno que não consegue se envolver num grupo sem um estímulo, participa com mais frequência.

Durante a brincadeira, a criança usa a imaginação, reproduz algo que viu acontecer, estabelece relações com outras crianças e com os objetos enfim, a criatividade toma conta do contexto. Trazendo essa questão, novamente para o ambiente educacional, no momento em que oportunizo as crianças contarem uma história, algumas delas, não expõem suas ideias, não conseguem verbalizar de acordo com aquilo que vivenciou, ou que já ouviu, porém essa situação se torna diferente quando estão em grupos brincando e sendo observadas. Nesses momentos, várias ações são percebidas e a imaginação é colocada em prática, mostrando serem grandes criadoras de histórias.

É perceptível, tomando por base a observação da própria prática, que o brincar está presente na vida das crianças, em qualquer lugar ou tempo. No espaço escolar, lugar onde busca garantir o conhecimento, a brincadeira se torna o recurso pelo qual a criança aprimora suas habilidades, faz uso da imaginação para atrelar a alguma brincadeira que conhece ou criar estratégias para fazer com que a atividade que está sendo desenvolvida se torne, para ela, uma forma brincante. Em relação a capacidade de inovar que as crianças desenvolvem, percebo que, muitas vezes, são impedidas pelos professores, pois entendem como uma forma de impedir a concentração das crianças, voltando o olhar para a matriz curricular que deve ser cumprida e seguida.

A partir dessas observações surgiu uma questão que funcionou como mobilizadora para esse estudo: como a brincadeira incentiva a criança a se envolver, espontaneamente, durante as práticas brincantes?

Para dar suporte a questão de estudo e obter resultados apresento como objetivo geral analisar os modos como as crianças da Educação Infantil se relacionam uma com as outras nos momentos das brincadeiras, tendo como objetivos específicos conhecer sobre a importância da brincadeira e interação na educação infantil, observar a interação entre as crianças, descrever os fatores que implicam na boa convivência e descrever as contribuições dos jogos e brincadeiras para a socialização da criança.

Ao realizar a pesquisa, foi necessário estar atenta a cada fala, olhar, gesto, ação, diálogo e me envolver nas brincadeiras, fazer alguns questionamentos, que me serviram de dados para a obtenção de respostas para a pergunta em questão. Neste processo estive inserida na atividade brincante desenvolvida na sala do próprio grupo das crianças, atentando-me para o comportamento dos sujeitos em relação ao que era proposto, intervindo em algumas situações, levantando alguns questionamentos para esclarecer sobre as práticas exercidas pela criança. Foi possível registrar as conversas e respostas dadas pelos sujeitos envolvidos, o que originou os diálogos apresentados ao longo do texto.

A pesquisa bibliográfica realizada para dar conta de responder a pergunta investigativa desse estudo, dando origem aos capítulos atrelados a observação da prática no contexto educacional, sustentada teoricamente por referências importantes e relevantes sobre a temática do brincar, como por exemplo, Oliveira (2011), Wajskop (1997), Vigotski (1998), trazem discussão que ao longo do texto vão dialogando com as ações dos sujeitos observados fazendo transparecer elementos fundamentais para responder a pergunta em questão.

Após a pesquisa bibliográfica foi necessário organizar a pesquisa de campo para possibilitar o acesso a outros elementos capazes de sustentar uma discussão sobre a temática de estudo de forma, ainda mais, consistente, sendo esses elementos parte do diário de campo e discussão dos referenciais teóricos aqui apresentados.

A pesquisa de campo foi realizada numa escola pública da rede municipal de Mata de São João, no grupo 5 (cinco) da educação infantil que deu origem a um diário de campo, que após ter elementos essenciais foram analisados e organizados, encaixando no corpo do texto.

Os resultados obtidos nesse estudo foram organizados em forma de capítulos. No segundo capítulo, intitulado, O brincar na infância, apresento o brincar de forma geral, como atividade principal na vida da criança, que a faz se desenvolver progressivamente, contribuindo para o contexto social que está inserida que, segundo Wajskop (1997) permite à criança compreender o mundo que está a sua volta e as formas que os humanos vivem esse mundo. A partir dos argumentos surge dentro do capítulo referente ao brincar o faz de conta, por fazer parte do contexto educacional quando o assunto é brincadeira e que permite que os envolvidos façam uso da imaginação num papel de representação simbólica.

No terceiro capítulo, intitulado, As interações no contexto educativo, falo sobre as interações que ocorrem no ambiente educacional, onde o diálogo revela as diferentes formas de relação que permite à criança compreender o que está a sua volta, e no quarto capítulo, intitulado O brincar e as interações na educação infantil, trato das relações dos sujeitos envolvidos no brincar do grupo 5 (cinco) relacionando com os referenciais teóricos que revela os comportamentos das crianças nas diversas práticas brincantes, o que acham da brincadeira que mais gostam, a minha interação com os sujeitos, enfim, aborda os fatos ocorridos nos momentos de observação com intervenção.

Por último as Considerações Finais, apresenta as respostas significativas para o problema de pesquisa, ou seja, as respostas encontradas a partir do olhar e escuta sensível das crianças observadas e da fundamentação teórica, onde pude perceber a importância de criar espaços para o brincar e de me envolver nas situações vivenciadas pelos sujeitos, permitir o envolvimento das crianças com outras de idades diferentes, e uma questão fundamental, manter contato com a criança que se nega a brincar levando-a a satisfazer os seus desejos, neste caso ser professor mediador nas diversas situações no contexto educacional. Desta maneira, o espaço contribui para as interações e o professor passa a oferecer um ambiente acolhedor, onde existirá a disputa por alguns tipos de brinquedos, o não querer brincar com um colega, entre outras implicações que necessitam da interferência do docente para oportunizar estratégias, como propor outro brinquedo fazendo menção a forma prazerosa de brincar, reunindo as crianças e sugerindo papéis para cada um na brincadeira que estejam praticando, gerando uma boa convivência.

Na medida em que a criança brinca com parceiros de idades e sexos iguais ou diferentes é levada a se envolver de forma significativa, aprendendo a lidar com a diversidade existente, passando a compreender o mundo a sua volta. Dessa maneira torna-se fundamental uma discussão sobre o brincar durante a infância.

2. O BRINCAR NA INFÂNCIA

Ao nascer a criança passa a ter um vínculo direto e de outra maneira com a mãe¹ ou com aquele que se dedica a cuidar e a suprir suas necessidades. Dessa forma, a criança começa a interagir, ou seja, a se relacionar através do choro, do riso, do sacudir dos braços e pernas, enfim, ela se expressa mostrando reagir diante das ações como, por exemplo, no momento em que a mãe passa a fazer “besourinho com a boca”, quando faz a brincadeira do “rema, rema, remador” entre outros gestos em que a criança começa a se incluir no jogo iniciado pela mãe sem que compreenda, ainda, que é uma brincadeira.

A criança não nasce pronta para o brincar, ela vai aprendendo através das primeiras brincadeiras que a mãe estabelece, onde começa a responder com gestos, organizando a própria prática brincante, tendo como ponto de partida as brincadeiras trazidas pela mãe.

Machado (2007) afirma que ao brincar com a mãe, o bebê começa a buscar sentido para sua existência, quando ele abre e fecha os olhos repetindo a ação da mãe, quando bate palma, enfim, ele passa a compreender seu eu, sua possibilidade em se reconhecer. Nessas situações, a criança percebe a existência das partes do seu corpo, do seu esquema corporal e também pode conquistar a sua imagem corporal. Com o tempo e com as suas vivências constitui o seu próprio eu, que é o estágio em que a criança está pronta ou quase pronta para praticar o que foi observado. O que se entende por seu eu é, segundo Machado(2007),

[...] sentir-se separada dos outros, percebendo quem é quem, descobrindo isso quando vê a causa do movimento do próprio corpo. Quando a mãe brinca de esconde-esconde com o bebê colocando no seu rosto uma fralda ou um cobertor, para tirar o pano descobrindo a criança, os dois, bebê e mamãe estão exercitando a separação, a individualização (MACHADO, 2007, p. 23)

Quando a criança brinca, experimenta, ela realiza algumas atividades que em outro momento não conseguiria, e ao conquistar a capacidade de representação ela adquire a capacidade de brincar de faz de conta, ou seja, é possível evocar objetos que não estão presentes na cena brincante e experimentar na prática o que via a

¹ Pessoa que cuida da criança, podendo ou não ser a mãe biológica.

mãe realizando no seu cotidiano. Essa possibilidade de tornar prático aquilo que foi percebido numa ação da mãe, por exemplo, é que permite a criança “compreender o mundo e as ações humanas nas quais se inserem cotidianamente.” (WAJSKOP, 1997, p.33)

Na medida em que as brincadeiras do bebê com a mãe tornam-se frequentes, é natural que ele passe a repetir aquilo que a mãe faz, atribuindo um novo significado, realizando, então, uma brincadeira. São nessas atitudes que percebo como o brincar passa a ganhar força na vida da criança na medida em que a mesma se relaciona com o meio em que vive. Em relação a isso:

Parece que a criança, longe de saber brincar, deve aprender a brincar, e que as brincadeiras chamadas brincadeiras de bebês entre a mãe e a criança são indiscutivelmente um dos lugares essenciais dessa aprendizagem. (BROUGÈRE, 2011, p. 22)

Com isso, se torna perceptível que é de fundamental importância a relação estabelecida entre a mãe e o seu bebê, no momento em que estabelecem uma cena de brincar ou quando constroem uma experiência de jogo, pois é isso que permitirá à criança criar e inventar novas brincadeiras.

A brincadeira não é algo que é oriundo do indivíduo, para que a criança brinque, ela precisa do exterior, dos adultos, dos pares semelhantes, dos objetos, além de ser necessário desejar realizar essa ação. “Brincar não é uma dinâmica interna do indivíduo, mas uma atividade dotada de uma significação social precisa que, como outras, necessita de aprendizagem”. (BROUGERE, 2011, p. 20).

O meio, assim como a relação entre o adulto e a criança são fundamentais para existência da cena brincante, pois é, dessa forma, que a criança constrói subsídios para expressar as suas várias possibilidades no ato do brincar, assim como expor seus desejos. Neste caso o meio passa a facilitar os acontecimentos durante o brincar sendo ele propício quando “[...] permite à criança ser criança, usando seu corpo, seus movimentos, seus cinco sentidos e sua intuição para usufruir a liberdade de escolha para brincar.” (MACHADO, 2007, p. 22).

Ao fazer uso dos recursos necessários para que se configure o ato do brincar, existem características necessárias para a prática, como por exemplo, quando refiro-me a “[...] inversão dos papéis; a repetição que mostra que a brincadeira não modifica a realidade, já que se pode sempre voltar ao início; a necessidade de um

acordo entre os parceiros [...]”. (BROUGERE, 2011, p. 22) A criança passa a produzir uma cultura lúdica que é apresentada de forma diferente em cada brincadeira. A cultura é referência para que a criança possa saber diferenciar uma situação de faz de conta de uma situação da realidade. Sobre essa discussão ainda acrescento:

Dispor de uma cultura lúdica é dispor de um certo número de referências que permitem interpretar como jogo atividades que poderiam não ser vistas como tais por outras pessoas. Assim é que são raras as crianças que se enganam quando se trata de discriminar no recreio uma briga de verdade e uma briga de brincadeira. Isso não é fácil para os adultos, sobretudo para aqueles que em suas atividades quotidianas se encontram mais afastados das crianças. (BROUGERE, 2011, p. 24)

De acordo com o que foi descrito acima, através das formas de representação, do faz de conta, o indivíduo passa a brincar e dar segmento a brincadeira, com atitudes que se diferencia da realidade, próprias da criança, que se evolui a partir das próprias exigências das brincadeiras e que se diferenciam também de acordo com o sexo. Os meninos usam diferentes modos de brincar em relação às meninas, o mesmo acontece com a faixa etária, crianças de 4 (quatro) anos produzem cultura lúdica diferente das crianças de 12 (doze) anos. Além disso, a criança menor tende a observar a maior a fim de ampliar a sua experiência com o brincar para que acrescente, posteriormente, outros esquemas, como as formas de falar, aprendendo a pronunciar as palavras corretamente, incrementar situações durante o cenário da brincadeira.

Não significa dizer que os meninos não possam brincar com as brincadeiras que as meninas gostam, ou vice-versa, assim como criança de 7 (sete) anos não possa brincar como a criança de 5 (cinco) anos, por exemplo. O brincar é parte da criança e se organiza em função dos seus desejos. Esses aspectos interessam para o desenvolvimento da criança, pois se ela brinca é porque precisa responder às suas angústias.

O universo infantil está atrelado ao brincar que torna a criança um ser criador, inovador e que se desenvolve na medida em que observa e pratica aquilo que já consegue fazer. É um espaço onde a interação com os brinquedos, com outra criança, acaba se tornando elemento fundamental para se produzir cultura lúdica. Para fortalecer ainda mais essa reflexão, ressalto a seguinte contribuição:

O desenvolvimento da criança determina as experiências possíveis, mas não produz por si mesmo a cultura lúdica. Esta origina-se das interações sociais, do contacto direto ou indireto (manipulação do brinquedo: quem o concebeu não está presente, mas trata-se realmente de uma interação social). A cultura lúdica como toda cultura é o produto da interação social que lança suas raízes, como já foi dito, na interação precoce entre a mãe e o bebê. (BROUGERE, 2011, p. 27)

Baseado no que foi discutido acima, é importante salientar o quanto a interação com outros permite que a criança tenha uma relação com o brincar cada vez mais interessante, pois lhe permite acrescentar elementos e ricas experiências nas suas brincadeiras. Porém, ainda existem instituições em que o brincar é limitado, onde professores se recusam a deixar sua turma se envolver com outra da educação infantil e de idades diferentes. Isso geralmente é justificado por serem muitas crianças juntas e que precisam de um cuidado maior, impossibilitando assim a interação e as novas experiências repletas de respeito, cuidado e novos saberes. Sem dúvida é um momento em que podem aprender com o outro.

Segundo Wajskop (1997) a brincadeira na educação infantil permite à criança evidenciar suas capacidades a partir do convívio com outros pares e com o meio em que é inserida, dessa forma constrói, progressivamente, sua personalidade. Diante disso, percebo a grande importância de estar atenta às ações da criança e de permitir a interação entre elas, inclusive com idades diferentes.

É possível perceber o quanto o brincar é importante na vida da criança, e quando lembro de fatos ocorridos no passado me remeto ao que Wajskop (1997) revela, concordando que há muitos anos atrás a brincadeira não era reconhecida como elemento fundamental para a criança, ou seja, como recurso capaz de auxiliar na construção de conceitos e de significados da vida social. Posteriormente, alguns estudiosos de diversas áreas que se dedicam a pesquisa sobre a infância, contribuíram para que a criança ocupasse um lugar na sociedade que garantisse a brincadeira como forma de expressão de sentimentos, desejos e pensamentos.

A criança necessita explorar o que está a sua volta e isto acontece durante as brincadeiras, e com isso ela consegue formular ideias sobre o mundo em que está inserida. Isso depende também da atenção dada pelos adultos em não querer dominar a situação, mas de poderem observar e escutar sobre as ações e os comportamentos realizados pela criança. Vale ressaltar, nesse momento, a importância de não haver intervenção, por parte do adulto, em querer dizer o que

deve ou não ser feito ou de querer fazer algo no lugar da criança. Isso dificulta o seu amadurecimento.

Machado (2007) afirma que as crianças devem vivenciar diferentes formas de brincar. Não é uma brincadeira destinada a criança de 3 (três) anos que possibilitará a ela um emaranhado de práticas no ato do brincar, deve, neste caso, ser considerado o desejo da criança para que ela possa se expressar de forma prazerosa.

Outro fator importante que surge nas brincadeiras e que deixa claro o potencial da criança é o fato de que criança de 2 (dois), 3 (três), 4 (quatro) e 5 (cinco) anos revelam atitudes de bebê, em algum momento da brincadeira e em outro, revelam atitudes de crianças de 7 (sete) anos, sendo isto uma forma de estar de olho na realidade. Isso é possível pelo fato da criança estar envolvida com outra de diferente idade e não somente com a da mesma faixa etária. É importante para o desenvolvimento, a troca de experiências com criança maior, ou até mesmo menor.

Quanto mais a criança brinca mais ela se torna criadora, inventiva, mais utiliza os símbolos disponíveis que possibilita reproduzir aquilo que vivenciou em outro momento. O brincar também é um grande aliado da criança quando é chegada a hora de estar na escola e precisam se despedir dos seus pais. A brincadeira de esconder o rosto numa fralda, que já foi exemplificado através de uma citação de Machado (2007), é um recurso importante que proporciona a criança elaborar, através da sua repetição, a noção de ausência e permanência do objeto, nesse caso ajuda a criança a entender, por exemplo, que sua mãe precisa ir embora da escola, mas voltará, a ausência não é eterna, num momento vão estar juntos novamente.

No universo infantil tudo vale como brinquedo, se a criança em seu brincar usa a vassoura para representar o cavalo percebo que o estágio representativo encontra-se em desenvolvimento, porém é necessário o cuidado com os objetos que podem machucá-la, não permitir que estejam por perto para não trazer danos, ou se necessários torna-se indispensável a presença do adulto para orientar a criança a fazer uso desses objetos.

Hoje, na educação infantil, o brincar é presente, justamente, para permitir que a criança evidencie suas potencialidades e que consiga alcançar os objetivos pretendidos de acordo com a sua faixa etária.

Uma discussão interessante e de relevância para a educação infantil é sobre o brincar e o jogar. O jogo proporciona o estabelecimento de ações e regras que

organizam quem é o vencedor ou não na disputa, e orientam o movimento da criança na cena, já a brincadeira traz o próprio fazer e a experiência de exercitar as regras de um jogo. Para esclarecer Jesus (2010) afirma que:

O jogo possibilita a criação de ações e regras, que definem quem perde e quem ganha. Ele é construtivo porque pressupõe uma ação do indivíduo sobre a realidade, estimulando a motivação. Já a brincadeira é a verdadeira ação da criança ao realizar as regras do jogo vivendo mais o lúdico, proporcionando alegria e liberdade. (JESUS, 2010, p. 7)

Com o que foi dito acima é revelador o quanto o brincar revolve com os sentidos, com a imaginação e com o raciocínio da criança e possibilita o seu desenvolvimento tornando-a preparada para o aprendizado, pois amadurece também as ideias.

Considerar a brincadeira como uma mera e insignificante diversão na vida da criança é o que muitos pensam, principalmente, pais que tem seus filhos na educação infantil e acreditam que o brincar não pode estabelecer qualquer relação com o aprendizado da leitura e escrita ou conceitos matemáticos. O que eles não compreendem ou se negam a entender é que o brincar é um importante e fundamental recurso para a aprendizagem da criança.

A criança pode brincar, por exemplo, de maneira livre, quando decide o que fazer com os objetos que estão a sua volta, ou dirigido pelo professor, quando este, oferece algum material e solicita que desenvolva algum tipo de atividade brincante. Essas duas formas de interação, presentes no brincar, proporcionam recursos para o desenvolvimento e para a aprendizagem do sujeito. Jesus (2010), em relação ao que foi dito afirma:

Apesar de muitas vezes acontecer de forma interligada, existe uma diferença entre as duas formas de brincar. Quando se utiliza o brincar livre é de forma espontânea, em que a criança decide qual brincadeira vai participar sem a mediação do professor. Já nas brincadeiras coordenadas, o professor atua como mediador, com o objetivo de promover a integração e participação das crianças envolvidas. Essa integração vai auxiliar no processo de desenvolvimento dos sentimentos de respeito, confiança, conhecimento e envolvimento social e cultural. (JESUS, 2010, p. 8)

Permitir que a criança brinque é possibilitar que ela se desenvolva e esteja preparada para a vida futura. Nesse universo do brincar, múltiplas são as descobertas, as conquistas, as alegrias, o respeito, enfim, vários aspectos interacionistas que podem ser vivenciados, através do brinquedo e com quem se brinca.

Além da crença de que o brincar não possui qualquer relação com o aprendizado, também encontramos pensamentos sobre o brincar como uma ação relacionada ao prazer, unicamente. Porém, Vigotski (1998) nos leva a fazer outras reflexões a esse respeito, vejamos:

[...]muitas atividades dão à criança experiências de prazer muito mais intensas do que o brinquedo, como, por exemplo, chupar chupeta, mesmo que a criança não se sacie. E, segundo, existem jogos nos quais a própria atividade não é agradável, como, por exemplo, predominantemente no fim da idade pré-escolar, jogos que só dão prazer à criança se ela considera o resultado interessante.” (VIGOTSKI, 1998, p.121)

No momento do brincar a criança pode ou não sentir prazer pela atividade desenvolvida, o que nos leva a confirmar o que Vigotski (1998) acrescenta quando se refere ao prazer como não sendo uma característica que define a brincadeira.

Os interesses da criança revelam os critérios utilizados, por ela, para se desenvolver e, ainda, a seleção de objetos que faz uso, e esses materiais são de caráter pessoal. “Aquilo que é de grande interesse para um bebê deixa de interessar uma criança um pouco maior” (VIGOTSKI, 1998 p. 122). Isso mostra os avanços significativos na vida da criança com relação ao que considera relevante para a brincadeira.

É importante saber até que ponto a brincadeira interessa a criança, pois se ela repete insistentemente um certo tipo de brincadeira é porque, provavelmente, deseja encontrar respostas para as indagações formuladas sobre a realidade. Por outro lado, a desistência de brincar, pode ser, pelo simples fato de não sentir prazer ou não desejar estar naquela brincadeira.

Outro ponto que deve ser considerado de relevância, relacionada ao brincar, e que encontramos respaldo nas contribuições de Vigotski (1998), refere-se ao brincar da criança com menos de 3 (três) anos diante de seus desejos, onde consegue deixar para outro momento, por ser consolada pela mãe com um brinquedo que muito chamou atenção.

Quando atinge a idade pré-escolar muitos dos desejos são impossíveis de serem atendidos imediatamente, porém a criança torna, de alguma forma, possível com a brincadeira. Vigotski (1998) esclarece:

Suponha que uma criança muito pequena (talvez com dois anos e meio de idade) queira alguma coisa – por exemplo, ocupar o papel de sua mãe. Ela quer isso imediatamente. Se não puder tê-lo, poderá ficar muito mal humorada; no entanto, comumente, poderá ficar mal-humorada; no entanto, comumente, poderá ser distraída e acalmada de forma a esquecer seu

desejo. No início da idade pré-escolar, quando surgem os desejos que não podem ser imediatamente satisfeitos ou esquecidos, e permanece ainda a característica do estágio precedente de uma tendência para a satisfação imediata desses desejos, o comportamento da criança muda. Para resolver essa tensão, a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo. (VIGOTSKI, 1998, p. 122)

Considero as brincadeiras de grande importância na vida da criança, seja em casa ou no ambiente escolar, e percebo isso com mais ênfase quando a criança atinge a idade pré-escolar, conseguindo suprir suas necessidades, elaborar seus questionamentos sobre a realidade, imitar papéis sociais com o jogo do faz de conta.

Enfim, a criança em idade pré-escolar já consegue perceber que há uma diferença entre o universo da fantasia e o mundo da realidade. A criança já começa a ver que algo que idealiza não pode ser posto em prática como os adultos fazem e passa a buscar, de imediato, resolver o conflito utilizando o brincar. É nesse momento que a criança entra no mundo da fantasia e começa a dar sentido aquilo que somente estava em seus pensamentos, colocando em prática o jogo de faz de conta.

Diante do exposto, no item seguinte, será abordada de forma detalhada a brincadeira de faz de conta que revela as possibilidades de resolução de conflitos e de repostas, encontradas pelas crianças, sobre a realidade em que vivem. A necessidade de abordar sobre o tema se faz necessária também por ser fundamental para a discussão desse estudo e por acreditar ser importante e significativa para os profissionais que se dedicam à educação infantil e para as famílias que ainda demonstram receio quando o brincar é defendido nas instituições escolares.

2.1. O BRINCAR DE FAZ DE CONTA

Como já foi abordado, anteriormente, o brincar está presente na vida da criança e se torna, relevante mediante as ações que os adultos estabelecem com ela desde bebê, podendo ser observada uma evolução em relação a complexidade nas brincadeiras.

O brincar de faz de conta é visto, frequentemente, nos momentos em que a criança, em idade escolar, se reúne com outras, ou até mesmo, quando está sozinha brincando e já adquiriu a capacidade de representação, A brincadeira de faz de conta pode ser entendida da seguinte maneira:

O fantástico, o imaginário, expressos na brincadeira da criança quando fala com um cabo de vassoura “como se” fosse um cavalo, fica zangada com seu cãozinho imaginário porque faz sujeira no tapete da mamãe ou transforma a pedra em pássaro, mostram uma mistura de realidade e fantasia, em que o cotidiano toma outra aparência, adquirindo um novo significado. (BOMTEMPO, 2011, p. 77)

No brincar da criança percebemos a presença de imitação de papéis sociais, personagens diversos que entram e saem de cena dependendo do contexto que está sendo elaborado por ela. “Esse tipo de jogo recebe várias denominações: jogo imaginativo, jogo de faz de conta, jogo de papéis ou jogo sociodramático.” (BOMTEMPO, 2011, p. 64)

A imaginação não surge do nada, mas mediante as ações em que a criança estabelece com o meio, com os objetos utilizados para dar sentido à brincadeira. A criança, com aproximadamente 2 (dois) anos de idade, dependendo do nível de desenvolvimento em que se encontra, está se preparando para entrar no mundo do faz de conta. O objeto, geralmente, até a idade referida, é visto com a função em que realmente ele exerce, só a partir dessa idade, após ter um vasto momento em que o brincar se faz presente, é que ela começa a dar um novo significado ao objeto. “Só brincando é que ela vai começar a perceber o objeto não da maneira que ele é, mas como desejaria que fosse.” (BOMTEMPO, 2011, p. 68)

Nesse brincar de faz de conta a criança revela suas angústias, alegrias, tristezas, ansiedades, sentimentos mais diversos, os interesses coletivos e particulares, enfim se expressa de forma livre e espontânea. Devido a isso não podemos permitir que os professores oportunizem a criança apenas os momentos

para brincar quando estiverem realizando outras atividades, considerando o espaço e tempo para as brincadeiras como não importantes na Educação Infantil.

Alguns adultos evitam o envolvimento nas brincadeiras de faz de conta da criança, acreditando, talvez dificultar ou inibir a imaginação e hipotetizando que ela se sinta envergonhada. Porém, na medida em que os adultos se incluem, passam a ajudar na ampliação do repertório brincante, como argumenta Kitson (2006):

Muitos educadores veem o brincar infantil como sendo algo exclusivo das crianças e acham que o brincar de faz-de-conta, ainda mais que outras formas do brincar, permite que as crianças operem sem os adultos quase como em uma forma de terapia. Trabalhando sozinhas, as crianças repetirão frequentemente as mesmas formas do brincar, a mesma atividade de dramatização de papéis, modelarão o mesmo tipo de comportamento e resolverão problemas similares. Intervenções efetivas podem canalizar essa aprendizagem, ajudando a criança a construir novos dilemas e desafios, encorajando-a e apoiando-a, e expandindo e motivando a competência e o desempenho linguístico. (KITSON, 2006, p. 108)

Durante o brincar a criança se sente livre para fantasiar, buscando experimentar momentos vivenciados, ou até mesmo experiências ouvidas de outros, que despertaram interesse de transportar para o mundo de faz de conta. Esse momento livre para a criança é essencial e prazeroso, porém pode se tornar mais enriquecedor com a presença do adulto, que tem o papel de “[...] fornecer uma estrutura dentro da qual a criança possa interagir [...]” (KITSON 2006, p. 108) e essa interação, como o autor afirma, permitirá à criança utilizar suas ideias e ir além do que imagina ser capaz.

Diferentes são as formas de brincar que a criança utiliza, porém na idade pré escolar, a brincadeira de faz de conta é bastante presente, a criança já se dá conta do que está a sua volta, passando a dar significado a uma ideia através da interação com o outro, através de gestos e da fala, como por exemplo, quando a criança está brincando de vender sorvete com o coleguinha e pergunta qual sabor prefere e esse coleguinha pergunta quais os sabores que tem no momento, e a outra criança responde. Isso é uma brincadeira de faz de conta com interação entre parceiros na qual a criança opta pelo modo de brincar de faz de conta utilizando os símbolos e os vários objetos que considera necessários para dar sentido à brincadeira.

Outro aspecto interessante no brincar de faz de conta se refere ao momento em que a criança brinca sozinha, por exemplo, começa a verbalizar com as bonecas, prepara diferentes cenários, imagina seres estranhos causadores de terror, onde “[...] as cenas se desenrolam de maneira a não deixar dúvida do significado que os

objetos assumem dentro de um contexto.” (BOMTEMPO, 2011, p. 63). Enfim a presença do simbólico na brincadeira da criança que está sozinha é o elemento marcante.

A imaginação que a criança utiliza na brincadeira de faz de conta é uma ida e vinda a realidade vivenciada e modificada de acordo com sua vontade, é a maneira que a criança encontra para viver um fato real no mundo da fantasia, onde sabe que na realidade acontece de forma diferente.

Na medida em que a criança fica mais velha ela passa a apresentar um repertório vasto sobre o brincar fantasiado, evolui passo a passo, pois encontra-se numa fase onde os avanços acontecem devido a interação que mantém com o meio.

É importante na educação infantil possibilitar que a criança faça uso constante do brincar imaginativo e que também seja influenciada a ir além do que pensa ser capaz. Brincando, a criança também adquire a capacidade de aprender a ler e a escrever.

O faz de conta é uma forma de se trabalhar a linguagem, onde leva a compreensão dos parceiros, do que está sendo vivenciado, das ideias que surgem e que trazem elementos como expressividade, criação, solução de problemas, que são relevantes para a vida futura que influencia na prática em sociedade. A criança que brinca torna-se um sujeito ativo, capaz de tomar suas próprias decisões e de encontrar possibilidades de respostas para seus conflitos.

Alguns pais ainda consideram a brincadeira como perda de tempo e, por isso, não percebem como a brincadeira de casinha, na qual os brincantes fazem de conta que são os pais, filhos, promove um desenvolvimento, onde a criança passa a evidenciar o quanto conhece a função da mãe ou do pai, por exemplo. Com isso desenvolvem a responsabilidade coletiva e individual, curiosidade, iniciativa, cooperação, interesse, cuidado que permite a criança obter equilíbrio corporal, relação com limites, capacidade de se colocar no lugar do outro, maturidade cognitiva. Não é porque a criança brinca de faz de conta que os elementos pertencentes a brincadeira são também fantasias, muito pelo contrário, esses são trazidos da realidade, sendo isso a ação que contribui para a vida da criança.

A criança é produtiva e consegue trazer para sua brincadeira elementos de diferentes contextos e que, em alguns momentos, não tem relação direta um com o outro, mas que se encaixam de forma oportuna. Para entendermos melhor essa questão pensemos na brincadeira de casinha, onde existe a família que dialoga,

mostra as tarefas executadas por cada um dos membros, mas que num determinado momento precisa entrar num outro contexto, como exemplo, a ida ao médico, onde aparece o papel do médico. São comportamentos diferentes, mas uma situação tem a ver com a outra, pois todos sabemos que as pessoas necessitam ir ao médico a fim de tratar da saúde.

Uma questão, como a que foi descrita acima, mostra como a brincadeira dá sentido aquilo que a criança vivencia, pois mostra como é a vida em família, pelo fato de fazer parte de uma e perceber o comportamento de cada membro e quando relaciona a vida familiar a ida ao médico é porque já vivenciou momentos de cuidados médicos ou foram relatados por seus parentes.

Considerando a brincadeira de faz de conta, muito presente no dia a dia da criança, penso no estado emocional em que se encontra, ou seja, na medida em que ela expressa na brincadeira o medo, o terror, a guerra, o amor, interrogo sobre o que a criança está querendo dizer. Com isso, mais uma vez, percebo como o brincar é revelador e que faz com que conheça a criança e perceba as contribuições necessárias para que possa avançar cognitivamente, socialmente, afetivamente. Em alguns momentos, vejo uma brincadeira como assustadora e, logo, penso que pode causar frustração na vida da criança, porém, como exemplo disso percebo que:

[...] a brincadeira de super-herói pode ser considerada uma forma especializada de jogo de papéis ou sociodramático. Entretanto, enquanto encorajamos as crianças a desenvolverem outros tipos de jogos de papéis, brincar de super-heróis é, muitas vezes, visto como prejudicial, caótico ou violento. Essa brincadeira, porém não é má, ao contrário, oferece numerosas oportunidades para a criança obter um sentido de domínio, bem como prevê benefícios comumente associados ao jogo dramático. (BOMTEMPO, 2011, p. 73)

Até o momento, observo o quanto o brincar de faz de conta contribui de forma significativa na vida da criança. Diante disso, vale ressaltar, que o adulto está inserido nesse brincar, ele não pode somente permitir que a criança brinque e fique na posição de vigia, ele deve também se envolver na brincadeira. Grandes são as demandas burocráticas do dia a dia do professor, por exemplo, precisa preencher a caderneta e realizar atividades urgentes e, infelizmente, na maioria das vezes, cumpre essas obrigações no momento em que o grupo brinca. A interação do adulto nas brincadeiras promove um melhor espaço e uso do tempo, permite que o aluno encontre outras possibilidades dentro da cena, potencializando um novo sentido,

significado. Dessa forma, as interações entre os participantes na cena brincante, contribuem para o desenvolvimento da criança.

A participação do adulto na brincadeira da criança faz com que ela perceba o momento certo de iniciar e saber sair da brincadeira. O brincar sociodramático “[...] envolve os exercícios de imaginação compartilhada e o desenvolvimento compartilhado do tema daquele episódio específico.” (KITSON, 2006, p.117)

A brincadeira de faz de conta é bem rica e garante à criança amplo desenvolvimento, seja ele psíquico, emocional, cognitivo. Torna-se mais claro a partir da seguinte reflexão:

[...] por meio da ficção, muitas áreas de aprendizagem podem ser exploradas. Podem ser propostos problemas dentro da história. O adulto, trabalhando dentro da ficção, pode criar os problemas e depois manter as crianças ocupadas em sua solução, fazendo com que enfrentem os desafios. Por exemplo, na história criada pelas crianças, elas precisam passar pela Rainha que guarda os portões e entrar no castelo. Ao precisar persuadir a Rainha a deixá-las entrar, as crianças terão de empregar e ampliar habilidades sociais. Sua solução preferida talvez seja a de empregar a magia, mas essa solução impediria o potencial de aprendizagem social gerado. (KITSON, 2006, p. 118)

Baseado no que relatamos acima, percebo como o faz de conta movimenta tanto o corpo como, principalmente, a mente, onde cada criança envolvida numa situação do brincar busca refletir sobre as maneiras como poderá dar segmento a uma situação iniciada, pois os fatos necessitam estar interligados, sendo os indivíduos envolvidos com pensamentos, comportamentos e ideias diversificadas.

A criança no brincar imaginativo passa por diversas situações que a faz ocupar um lugar na brincadeira. Na medida em que surgem os acontecimentos, em grupo ou mesmo sozinha, a criança, num certo momento, decide desistir da brincadeira por se sentir cansada ou por não estar mais com o prazer. Levando esse fato para o contexto educativo, no momento em que o professor propõe uma brincadeira e tempos depois percebe que alguns integrantes do grupo encontram-se dispersos, de imediato, percebo a necessidade de intervenção do adulto que “[...] pode ajudar a modificar a história, a fim de unir o grupo e entusiasamá-lo [...]” (KITSON, 2006, p. 118) mantendo-os atuando, o adulto passa a ser o “[...] facilitador, estimulando e levando as crianças adiante e, simultaneamente, mantendo o interesse e a empolgação.” (KITSON 2006, p. 119)

O papel do adulto não é intervir no faz de conta e dizer para a criança o que fazer, mas permitir que essa amplie e avance com a sua imaginação. Como Kitson (2006) afirma:

É importante lembrar que, embora o adulto possa orientar e, em certa extensão, ampliar o brincar sociodramático, o brincar e a ação precisam ser essencialmente das crianças. As suas idéias devem ser usadas. As palavras faladas precisam ser as suas palavras, expressando os seus pensamentos. Talvez o adulto entre em uma “brincadeira” sem a intenção de simplesmente fazer parte do grupo, mas com o objetivo de fazer avançar a aprendizagem infantil, de colocar obstáculos no caminho de sua história para que, pela superação desses obstáculos, sejam criadas oportunidades de aprendizagem. (KITSON, 2006, p. 119)

Diante do exposto, torna-se esclarecedor a importância do adulto na brincadeira, como já foi dito anteriormente, com o intuito de ampliar os gestos, as ações da criança, fantasiar junto com elas, enfatizando as ideias oriundas da criança.

Pensando na interação do adulto, e em especial no professor, pelo fato da brincadeira ser elemento que integra o fazer educacional na pré-escola, é importante que os educadores estejam preparados e compreendam o seu papel, enquanto mediadores, para que possam desenvolver o verdadeiro sentido da brincadeira e com isso fazer com que a criança se desenvolva.

O pensamento de que a brincadeira na educação infantil é um momento em que a criança se sente livre e está livre para fazer aquilo que acha viável durante todo o momento, e que o tempo destinado para tal deve ser mínimo, deve ser eliminado. Existem momentos em que a criança precisa estar livre, mas é importante também que o docente ocupe o lugar de participante. Acreditar na brincadeira como estímulo para o crescimento é o que, os professores e os adultos presentes no cotidiano da criança, precisam ter conhecimento.

3. AS INTERAÇÕES NO CONTEXTO EDUCATIVO

A interação acontece desde o momento em que o bebê nasce, através dos movimentos realizados pela mãe, o diálogo que a mãe estabelece ao trocar a fralda, ou na hora do banho, dentre outros acontecimentos em que há uma ligação direta e íntima entre os sujeitos envolvidos. Com isso, noto que a relação entre os sujeitos é de fundamental importância e surge a necessidade de ampliar essa interação, de permitir que a criança tenha contato com indivíduos de grupos culturais diferentes para que possam se desenvolver ainda mais.

Ao estabelecer contato com os objetos a interação acontece, pois a criança utiliza a linguagem oral e ações do corpo, e através do objeto, ela consegue dar sentido a brincadeira. Dessa maneira, tanto a interação ocorre entre os grupos, quanto com a criança que brinca sozinha.

Devemos também levar em consideração que o envolvimento e a troca de experiências não ocorrem somente no brincar, mas nas diversas atividades em que acontece a troca de experiências e a construção de diálogo, dentre outros fatores em que o conhecimento se faz presente. Porém, como o brincar, presente na vida da criança da educação infantil, é alvo de estudo, dando ênfase às interações existentes no processo torna-se relevante abordar de que maneira ocorrem as interações entre o grupo de brincantes.

Quando inserida no ambiente educacional, a criança passa a conviver com um grupo de diferentes culturas e essa convivência passa por um longo período de adaptação. É nesse momento que observamos o surgimento de episódios nos quais a criança demonstra querer a atenção do mediador somente para si, por exemplo. Em relação ao coleguinha o mesmo acontece, quando quer ter ao seu lado um amiguinho ou amiguinha que mais se identificou, não aceitando dividir com outro e esse comportamento também é visto com os objetos disponíveis para o grupo. Esse comportamento pode sinalizar várias explicações, uma delas é o egocentrismo presente nesse tempo.

A partir da convivência em grupo é que os sujeitos passam a manter interação, e na medida em que o professor cria possibilidades para uma melhor relação entre uma criança e outra, e até mesmo entre a criança e o adulto, as relações se ampliam. Com isso, a criança tem a possibilidade de poder aceitar, dividir os espaços e o que nele existe, aceita dividir o professor, pois aos poucos

compreende que todos necessitam dos cuidados e orientações do docente. Noto outra forma de resolver situações conflituosas, entre os sujeitos, no ambiente educacional com o argumento abaixo:

A oportunidade de realizar projetos em grupo – como, por exemplo, fazer um teatro de marionetes e dramatizar uma história como bonecos – possibilita às crianças negociar o tema da história e seu desenvolvimento, usando esclarecimentos, justificativas e argumentos comparativos. Com isso, aprendem formas não agressivas de expressar sua emoção e desejos, a conversar e negociar argumentos e objetivos, a elaborar planos coletivos nas rodas de conversa. Com base nisso, podem resolver conflitos e explorar certas contradições presentes em sua cultura. (OLIVEIRA, 2011, p. 214)

O dia a dia no ambiente educacional promove novas formas de relação entre os envolvidos. Ao passo que o contato direto passa a ser constante e mais significativo, surge uma melhor convivência, pois passam a perceber a necessidade de compreender a ideia do outro, pois, caso contrário, a brincadeira tende a ser finalizada, por exemplo.

A convivência entre o grupo infantil é bastante complexa, pois encontra-se numa fase de descoberta e é, justamente, na relação que descobre o outro como ser social, mesmo ocorrendo desentendimentos, como Oliveira (2011) acrescenta:

Atos cooperativos, imitações, diálogos, disputas de objetos e mesmo brigas, entre tantos outros, são grandes momentos de desenvolvimento. Todas essas situações são frequentes nas creches e pré-escolas, devendo os professores criar condições para lidar positivamente com elas. (OLIVEIRA, 2011 p. 145)

Diante do exposto, percebemos que as interações contribuem de forma significativa para o desenvolvimento da criança nos diferentes contextos, seja emocional, afetivo, criativo, reflexivo, entre outros, negando o pensamento que alguns professores tem em relação aos conflitos das crianças que torna o trabalho mais dificultoso.

Nas interações que ocorrem entre as crianças, torna-se possível, mudanças no relacionamento, pois na medida em que brincam, vão conseguindo identificar o afeto. As “[...] pesquisas recentes têm destacado o valor positivo e experiência extrafamiliar no desenvolvimento infantil, a qual promove a curiosidade mútua das crianças e a identificação e a empatia entre elas.” (OLIVEIRA, 2011, p. 145)

Manter a criança de 3 (três) anos, por exemplo, em casa, por temer a forma como reagirá mediante a presença de sujeitos por ela desconhecidos, estando longe da mãe é negar o direito de crescimento pessoal. A criança, nesta idade, já

consegue lidar com os problemas que venham a surgir como o fato de se sentir amedrontada com a presença de um objeto, passando, assim, a fazer uso da linguagem para informar receios, desgostos, medos. Esse e outros tipos de acontecimentos permitem que a criança mostre suas potencialidades já adquiridas e busquem novas, mediante o trabalho de intervenção que o professor realiza com a turma, a partir da convivência com os colegas.

A função dos companheiros de idade é a de polarizar atenções recíprocas, construindo fonte de interesse, imitação e percepção de diferenças. As interações que as crianças estabelecem entre si – de cooperação, confrontação, busca de consenso – favorecem a manifestação de saberes já adquiridos e a construção de um conhecimento partilhado: símbolos coletivos e soluções comuns. Para tanto, elas devem ser encorajadas a explorar seus interesses e ideias. (OLIVEIRA 2011, p. 146)

Estando a criança envolvida num ambiente onde o relacionamento se dá através de outra criança, com exceção do(s) adulto(s) que a orienta, é possível estar numa posição que varia a depender do contexto em que está envolvida. Quando a criança, por exemplo, está fingindo ser a mãe na brincadeira ela lidera o grupo, ou quando ela faz de conta que é o animal de estimação, ela entende que deve obedecer, isso revela as competências da criança, possíveis de serem percebidas através da interação. Oliveira (2011) afirma:

[...]na relação com os parceiros, aprendem que ser membro de um grupo envolve competências para aquiescer e contrapor-se, em momentos variados, ser dependente ou independente, líder ou seguidor, além de refletir sobre o que significa ser justo, verdadeiro, belo. É uma valiosa arena de crescimento pessoal. (OLIVEIRA, 2011, p. 147)

Vale ressaltar que a mordida, presente nos conflitos pertencentes ao cenário educacional nos primeiros meses, chamados de período de adaptação, torna-se uma reação, em alguns casos, considerada como a forma pela qual a criança utiliza para se defender, ou mesmo para conhecer o ambiente novo. Isso é, de alguma forma, uma maneira de interação da criança que ainda não consegue se expressar, através da linguagem, e a reação, por ela executada, não significa dizer que sua intenção é machucar, como muitos acreditam por não compreenderem o processo de maturação e desenvolvimento infantil. Para tanto, se faz necessário pensar em critérios que venham suprir a necessidade da criança, onde ela possa mostrar que

não se sente satisfeita com algo, ou que não gosta quando a professora faz com que ela participe de alguma atividade.

Sem dúvida, nessas situações de disputa por objeto, tão comuns no cotidiano da Educação Infantil, a mediação do professor é fundamental para que a criança possa ampliar o seu repertório de possibilidades em relação à resolução de conflitos. É o momento de, cada vez mais, inserir a importância da linguagem nessas situações e descartar a tentativa de negociação utilizando a força física. Observemos, a citação abaixo, que nos leva a compreender melhor a ação da mordida de uma criança ainda pequena.

Morder um companheiro funciona como uma forma de a criança pequena conhecer o seu entorno e comunicar-se com ele. Mordidas ocorrem geralmente em situações de ciúme ou pela necessidade de chamar a atenção dos professores, principalmente quando as crianças estão aborrecidas e desinteressadas. Repensar a rotina de atividades e a forma como elas se organizam, diminuir o tempo de espera da criança para ser atendida, ajudá-la a aprender a expressar de modo adequado suas emoções pode colaborar para a diminuição desse tipo de ocorrência. (OLIVEIRA, 2011, p. 214)

Situações como a que foi discutida, anteriormente, são comuns em creches e pré-escola, e essa ocorrência se dá devido às interações constantes no ambiente. Muitas vezes, os conflitos e as mordidas, ocasionam o afastamento da criança de um determinado grupo por sentir insegurança ou medo. Esse comportamento reflete no processo de desenvolvimento da criança, pois ela evita o contato com os colegas, o que interfere nos momentos de brincadeiras com eles e deixa de ampliar o seu repertório imaginativo mediante o contato com seus parceiros. Será essa, uma possibilidade de resposta sobre o questionamento que apresentamos a respeito da criança que mobilizou a realizar essa pesquisa?

Em relação ao trabalho do professor, podemos identificar alguns procedimentos significativos que ajudam a organizar um ambiente para uma boa convivência e quem sabe poder trazer a criança, que se exclui, de volta para o grupo, vejamos o que Oliveira (2011) afirma:

[...] fornecer ambiente organizado e tranquilo, compreender a movimentação das crianças, estabelecer limites e apresentar regras com clareza, justificar proibições, ajudar as crianças a fazer acordos e lembrá-las desse acordos, quando necessário. Participar de jogos em que o professor explore com elas as regras pode desenvolver seu senso de justiça pela consciência de que uma norma vale para todos. A criança pequena, a partir de certa idade, deve ainda ser ajudada a perceber que sua agressão provoca danos, dor

em um companheiro, e a desenvolver atitudes de solidariedade. (OLIVEIRA, 2011, p. 215)

De acordo com o relato acima, concordo que o olhar do professor diante das interações do grupo é indispensável para promover um ambiente em que o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo sejam possíveis. Não adianta permitir a interação nos diferentes contextos sem proporcionar reflexões acerca dos comportamentos indesejáveis, do não cumprimento às regras estabelecidas no grupo, da não garantia de respeito ao próximo, impossibilitando, assim, o avanço dos sujeitos envolvidos.

O espaço que as crianças ocupam frente às intervenções feitas pelo adulto devem estar presente na vida da criança e é quem sustenta o envolvimento com o meio, mesmo antes dela falar. Ao iniciar o período verbal, a relação passa a ser mais organizada, pois o sujeito começa a ter suas preferências, a preparar o ambiente de acordo com seu potencial e a tentar ultrapassar seus limites. Isso é revelado ao observar uma criança esquematizando as etapas necessárias para alcançar um objeto que não está ao seu alcance, podendo verificar, assim, uma possibilidade de interação. Vejamos o que Vigotski (1998) revela:

[...] as crianças resolvem suas tarefas práticas com a ajuda da fala, assim como dos olhos e das mãos. Essa unidade de percepção, fala e ação, que, em última instância, provoca a internalização do campo visual, constitui o objeto central de qualquer análise da origem das formas caracteristicamente humanas de comportamento. (VIGOTSKI, 1998, p. 35)

Na medida em que a criança desenvolve e amadurece os pensamentos, passa a utilizar outros recursos para ampliar o repertório do brincar, a refletir sobre a ação que está sendo praticada. Esses acontecimentos estão presentes no meio educacional, onde a criança está envolvida com a presença de diferentes tipos de comportamentos, ideias, pensamentos que dão a possibilidade de realizar e incrementar novas ações.

No meio educacional, a criança interage desde o momento que entra na escola, ao ser acolhida pelo professor e colegas com uma música, depois na roda de conversa ao ouvir uma história, ao escutar as novidades trazidas pelos sujeitos, enfim, na medida em que a sequência didática do dia passa a ser praticada.

Sabemos que em diferentes momentos no ambiente escolar a criança interage, porém como a pesquisa investiga as possibilidades dessa interação com o

brincar é relevante perceber as maneiras de interação durante as brincadeiras e os resultados obtidos.

Para que a interação favoreça o desenvolvimento da criança, no ambiente educacional, a organização dos espaços, por ela frequentados, devem ser estruturadas de forma que favoreça os modos de comportamentos dos sujeitos envolvidos no que se refere as suas criações, conversas, articulações construídas nas relações com os outros.

Ao falar de interação entre as crianças, durante o brincar ou em qualquer momento, é necessário considerar a “[...] intervenção do professor no que se referia às outras atividades pedagógicas como contar histórias, oferecer materiais e técnicas variadas de trabalhos plásticos, musicais e corporais, entre outros[...]” (WAJSKOP 1997 p. 14), pois de acordo com a autora as crianças se sentem mais livres durante o brincar e conseguem estabelecer uma relação mais significativa.

De acordo com Oliveira (2011), o indivíduo está constantemente numa prática social e, diante disso, a interação entre os parceiros, sejam estes adultos e/u objetos passam a acontecer. No mais, a interação como um dos eixos norteadores das propostas pedagógicas na Educação Infantil e como refletida neste estudo, é uma temática fundamental para o processo de evolução da criança, para que ela conquiste novas competências e avance em relação ao seu processo de construção de conhecimento. Nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil constam experiências que devem ser garantidas às crianças como forma de interação, sendo algumas delas:

- ✓ promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança;
- ✓ ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas (BRASIL, 2012, p. 25-26)

As experiências evidenciadas referem-se especificamente sobre a prática brincante e as interações que ocorrem no ambiente educacional, sendo esses dois os eixos norteadores da prática pedagógica na Educação Infantil que não devem deixar de existir no campo educacional, pois é a partir desse contexto que as crianças conhecem o mundo a sua volta, constroem conhecimentos, desenvolve o senso crítico e reflexivo, entre outras experiências, como consta nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010).

Diante do que foi citado torna-se evidente que muitas são as formas de permitir que haja interação entre os sujeitos, ocorrendo, assim, diferentes formas de relacionamento que resulta em desenvolvimento. No próximo capítulo, relato as formas de interações durante as brincadeiras, que como já foi discutido anteriormente, permite que as crianças demonstrem o estado emocional, psíquico, social em que se encontram.

4. O BRINCAR E AS INTERAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ao longo de todo o trabalho, procurei investigar, refletir e analisar alguns aspectos e elementos importantes sobre o brincar, suas variações e possíveis relações com as interações que acontecem nas experiências com outros sujeitos, no contexto da Educação Infantil.

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica que permitiu formular uma sustentação teórica a respeito da temática do estudo. Posteriormente, foi feita uma pesquisa de campo com o objetivo de esclarecer o problema de pesquisa e que só poderiam encontrar respostas a partir do olhar e da escuta das crianças.

Dessa forma, organizei as observações durante os momentos em que as crianças brincavam livremente, em outras situações que brincavam com o adulto e, por último, em horários que brincavam sob a direção do professor. Além disso, foi realizada uma entrevista com 2 (duas) crianças que se aproximaram quando decidi entrar na brincadeira, para entender o motivo da preferência da brincadeira de “polícia e ladrão”.

A pesquisa de campo foi realizada com 16 (dezesesseis) crianças do grupo 5 (cinco), sendo 6 (seis) meninos e 10 (dez) meninas, numa escola da rede pública localizada no litoral do município de Mata de São João. Vale ressaltar que minha expectativa durante esta pesquisa de campo, como professora da turma, era investigar as formas de interação entre os sujeitos durante o brincar através de 7 (sete) encontros investigativos, onde pude extrair considerações relevantes para minha pesquisa.

Observando a turma em seus diferentes momentos, dando uma atenção maior e mais cuidadosa aos momentos da brincadeira, percebi desentendimentos que, no meu olhar, causaram desconforto em algumas crianças. No dia 18 de agosto uma aluna levou para sala uma corda com tema de personagem de menina, e assim que chegou pegou para mostrar aos colegas e começou a organizar a brincadeira, passei então, a observar com mais atenção, e na medida em que as crianças chegavam, pois era o início da manhã, se aproximavam para ver e participar da brincadeira. As ações eram correspondentes a passar por baixo da corda, fazer a corda de cobrinha, para passar por cima da corda. Apenas, uma criança, que chamo de I, a dona da corda, passou a selecionar quem poderia participar da brincadeira. Vejamos o diálogo que se estabelece, nessa cena:

Criança I: _ Só quem pode brincar é menina, porque a corda é de menina.

Os meninos, neste momento, ficaram parados observando e as meninas foram pra perto participar da brincadeira e ao ver a criança S se aproximar, a criança I fala em voz baixa:

Criança I: - Você não vai brincar.

A criança S, então, se retira e se dirige até mim para contar que queria muito brincar mais a colega não deixou. Com isso, percebo duas questões, a primeira é muito importante e acontece nas interações no momento das brincadeiras, quando uma criança lidera a brincadeira e evita a participação de outros. Isso pode ser retomado com a criança através de conversa e da própria interação mantida no dia a dia. Oliveira (2011) afirma que quanto mais a criança interage, mediante trabalhos organizados pelo professor, para a criação de um espaço para a boa convivência, mais ela compreende e age de forma aceitável.

A outra questão levantada que requer atenção é sobre a separação das brincadeiras por conta do gênero, ou seja, a brincadeira que só meninas participam ou só meninos podem brincar o que, sem dúvida, acarreta a seleção dos participantes. Segundo Wajskop (1997), as próprias crianças se dividem entre brincadeiras de meninas e meninos e, muitas vezes, acabam impedindo a ampliação do vocabulário e a troca de experiências, saberes e conhecimentos.

Ainda sobre essa discussão, a criança, em alguns momentos, apresenta um comportamento como o descrito acima, influenciada pela mídia, através das propagandas de televisão, sendo que existem casos em que as famílias influenciam para que este comportamento ocorra.

Em outro momento brincamos de corda e foi possível integrar todas as crianças do grupo, independente de ser menina ou menino. Com essa ação, refletimos sobre a escolha das brincadeiras. Vale salientar que, durante essa cena, observo que as crianças verbalizavam comandos, dizendo o que fazer e quando percebia que muitos conseguiam realizar o que combinamos, logo, inventavam outro. O repertório imaginativo foi vasto e presente.

No dia 25 de agosto as crianças foram conduzidas ao parque, e como estavam caracterizadas de soldado, utilizando uma viseira com as cores do exército brasileiro, no caminho para o parque, as crianças começaram a cantar a música “marcha soldado” e ao estarem no parque tomaram a iniciativa de se dividirem em grupos de meninos e meninas para brincar de “polícia e ladrão”. Essa brincadeira,

geralmente, era desenvolvida no espaço do parque e os meninos corriam para pegar e prender as meninas. As meninas não gostavam quando os meninos seguravam firme e diziam:

Meninas: - Oh minha pró!

Mas quando eram liberadas se envolviam, novamente, na brincadeira. Nesse movimento, a criança W. disse:

Criança W: - Ei, ei, algum problema aí?

Essa frase me chamou atenção e, ele encarnado na pele de soldado, quis proteger aquela colega, que na brincadeira, demonstrava estar amedrontada por algo. Esse comportamento me fez acreditar que ele compreendia a função de um soldado e o seu papel na sociedade. Wajskop (1997) comenta que a brincadeira infantil pode constituir-se em uma atividade em que as crianças, sozinhas ou em grupo, procuram compreender o mundo e as ações humanas nas quais se inserem cotidianamente.

É perceptível a compreensão que a criança tem em relação aos papéis sociais, nesse caso, de um policial, mostra isso através da prática e do diálogo durante a brincadeira. Deixam bem claro que o papel do policial é prender os ladrões e proteger as pessoas. A fala da criança W. revela que seu papel imaginário ao agir como o herói, caso o indivíduo esteja passando por uma situação que não consegue resolver, ela está ali como policial para solucionar o problema, que passa a ser uma brincadeira de faz de conta, e ainda:

Vale acrescentar que entendemos a brincadeira de faz-de-conta, a brincadeira protagonizada ou a brincadeira de papéis como a atividade do brincar por excelência. A unidade fundamental desta brincadeira é o papel que é assumido pelas crianças e que revela e possibilita, ao mesmo tempo, o desenvolvimento das regras e da imaginação através de gestos e ações significativas. (WAJSKOP, 1997 p. 31-32)

Diante do que foi acima exposto é revelador como o brincar tem fundamental importância para o desenvolvimento da criança. Brincando ela consegue estabelecer contato com o outro, adquirindo assim conhecimentos, consegue transmitir o que sabe, tudo isso devido a convivência diária, permitindo que novos desafios sejam lançados a fim de construir novos saberes.

A preferência em relação ao brincar no espaço do parque era “polícia e ladrão” e isso também me chamou atenção. As próprias crianças se organizavam, os meninos sempre davam as ordens, sendo que eles sempre eram os policiais que

prendiam as meninas. A organização era bem planejada, eles utilizavam a parte de baixo do escorregador para ser a prisão e um menino sempre ficava tomando conta para que as meninas não saíssem. Como percebi que em momento algum as meninas exerciam a função de policial propus, então, que mudassem a tarefa dos meninos, ou seja, ao invés de prender seriam presos e as meninas, ao invés de serem presas, prenderiam os meninos, eles logo aceitaram. A criança Y. tomou a iniciativa de organizar as meninas para que pudessem capturar os meninos. Essa proposta causou diversão.

Durante a brincadeira organizada pela nova configuração, fui tomada por um fator interessante, as meninas, agora, corriam muito mais do que antes, estavam tão empolgadas no papel de polícia que se esforçavam ao máximo. Parece que, durante o brincar, as crianças não limitam suas ações. É, exatamente, neste momento, que passam a combinar, criar, inventar através das experiências vividas.

As crianças brincam para mostrar o que sabem, para também compreender como funciona o que está a sua volta, sentindo, muitas vezes, a necessidade de experimentar para ter sensações que lhes possibilitarão estabelecer ideias e conceitos de certas coisas, como exemplo, quando a criança passa a brincar de cozinha, onde durante a brincadeira começa a falar dos cardápios que podem estar preparando, os ingredientes e modos de preparo. Isso já nos mostra o prazer que a criança sente ao cozinhar e os conhecimentos sobre como cozinhar. Dessa forma, estaria “[...] a brincadeira como sendo resultado da educação e da cultura dos povos [...]” (WAJSKOP, 1997, p. 17).

No dia 26 de agosto decidi levar a turma, novamente, ao parque, dessa vez, para investigar sobre o porquê da preferência da brincadeira de “policial e ladrão” no local, já que outras eram propostas, porém sem sucesso. Um exemplo disso, foi no dia em que o cagado, que visitava a turma, foi junto para o parque e a turma não deu muita importância, não inseriram o animal na brincadeira, começaram a correr, os policiais, os ladrões e resolvi, então, participar para fazer algumas perguntas.

A primeira pergunta que fiz foi para entender o motivo pelo qual tanto brincavam de “polícia e ladrão”:

Professora: _ Por que a brincadeira de “polícia e ladrão” se repete todas as vezes que estamos no parque?

Criança X: _ Porque é muito legal (risos). Com essa brincadeira mostro a força que tenho e não deixo as meninas ficarem fazendo coisas erradas.

Professora: _ Como vocês se sentem ao brincar dessa forma?

Criança Y: _ É muito bom, eu procuro correr bastante.

Criança X: _ É maneiro. Eu coloco todas as minhas forças e causo medo nas meninas.

A resposta da criança Y faz com que perceba que como as meninas eram consideradas, na brincadeira, as ladras logo elas se remetem a realidade tendo que fugir dos policiais.

Resolvi incrementar, perguntando:

Professora: _ E por que quando prende uma menina ela não fica no lugar?

Criança X: _ Porque os bandidos “dá um jeito” de escapulir.

Em relação a resposta do aluno percebo quanto a imaginação da criança é vasta, elas, realmente, dão sentido aos pensamentos, fazem uso do que sabem, do que veem, vivenciam a realidade, através do jogo de faz de conta, ampliando, assim, seus conhecimentos.

No dia 10 de setembro de 2015, durante a ida ao parque, a turma observada teve o privilégio de interagir com crianças de outra idade depois de uma conversa com a professora da turma sobre a necessidade de permitir esse encontro. Diante da experiência, foi possível observar o companheirismo entre as crianças, o que agradou tanto a mim quanto a outra professora, os alunos respeitaram os colegas com idade menor, respeitando o momento de cada criança, ao utilizar um determinado brinquedo, cedendo a vez para que a criança com idade menor fosse a primeira a usar um determinado brinquedo. Houve, inclusive, um momento que a criança K disse:

Criança K: _ Temos que cuidar dos menores para não se machucarem e se acontecer vai pegar mal.

Quando a criança afirmou que se a criança do outro grupo se machucasse pegaria mal ela quis se referir ao problema que iria causar. Essa fala revela a compreensão que a criança tem em relação à atenção que os pais ou responsáveis tem em relação ao seu filho de não querer que se machuquem, que cheguem em casa com alguma ferida. A fala da criança é reveladora em relação a sua compreensão sobre o papel do maior em relação ao menor e isso ela adquiriu com as experiências com o meio, ao ver em casa, provavelmente, que a mãe diz ao irmão mais velho ao sair pra algum lugar que ele deve cuidar do irmão mais novo,

enfim ela traz para a brincadeira algo já visto, fazendo uso numa situação com o mesmo sentido. Em relação a isso Wajskop (1997) acrescenta:

Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência. Concomitantemente a esse processo, ao reiterarem situações de sua realidade, modificam-nas de acordo com suas necessidades. Ao brincarem, as crianças vão construindo a consciência da realidade, ao mesmo tempo em que já vivem uma possibilidade de modificá-la. (WAJSKOP, 1997, p. 33)

O ambiente onde as crianças estão inseridas é um espaço que possibilita a interação entre crianças e adultos, para que juntos possam construir ideias, aprender a conviver em grupos, saber lidar com as diferenças, enfim diversos fatores que permitem uma boa convivência. A partir daí percebo que, independente, de materiais concretos como parque ou outro tipo de objeto, o essencial na educação infantil é criar possibilidades para que as crianças possam mostrar seu potencial cognitivo, e se desenvolvam socialmente e afetivamente, construindo uma aprendizagem significativa. É importante que cada criança se sinta parte integrante do fazer educativo e que, tanto família quanto a escola, estejam juntas, com o mesmo propósito.

Através da brincadeira é possível perceber as necessidades das crianças, o potencial que cada uma tem, as forma de expressar seus sentimentos. Percebi durante as observações que quando uma criança não queria participar da brincadeira proposta ela, imediatamente, dizia que não iria participar, demonstrando a autonomia, que fica aparente na brincadeira. A criança não é obrigada a participar de uma brincadeira, seja ela dirigida ou livre, ela tem que ser respeitada e é, justamente, nesse momento, que percebi um aluno afastado do grupo, pois reclamava dizendo que a brincadeira não era legal, ou que não gostava da brincadeira, ou que não deixaram participar da brincadeira.

Esse não brincar percebido em alguns integrantes gerou preocupação e isso já tinha sido percebido, anteriormente, mas no dia 17 de agosto de 2015, quando as crianças brincavam com diversos brinquedos, por exemplo, carrinhos, panelinhas, bonecas, brinquedo de montar, entre outros, se divertindo com a brincadeira de casinha, pista de carro foi possível perceber criança se negando a brincar. Na pista, com os brinquedos de montar, uma criança chorou dizendo que não deixavam ela

brincar e, como sempre, me aproximei das crianças e conversei sobre a importância de dividir, de deixar que o amigo participasse, que compartilhasse desse momento prazeroso para as crianças. Depois disso, todos olhavam com os olhinhos estagnados e o aluno Y acabou dizendo:

Criança Y: _ Pró, eu chamei tanto M para brincar e ele só balançava a cabeça dizendo que não, aí não insisti mais, agora ele vai fazer queixa só para a senhora acabar com a nossa brincadeira.

Fiquei muito surpresa com o relato de Y e perguntei a M se realmente o coleguinha Y havia convidado para brincar e ele disse que sim. Então falei:

Professora: _ Por que agora você quer participar da brincadeira?

Criança M: _ Por causa da pista de carro que gostaria de construir.

A possibilidade de brincar com construção chamou atenção para a criança. A nova proposta da brincadeira para M teve uma grande importância, o que o fez se incomodar e reagir por se sentir fora da brincadeira. A criança M, nos momentos das brincadeiras, sempre ficava de fora, não interagia como as outras, pouco brincava, ficava sempre no seu cantinho, mas como pode ser percebido, uma situação na própria brincadeira, a fez reagir, percebendo que seus desejos podem ser resolvidos de alguma maneira.

Com base nas observações apresentadas as crianças demonstraram preferências pelo brincar no espaço do parque, mostraram ser criadoras de momentos de prazer e diversão. Pude tecer considerações, baseada na pesquisa bibliográfica e de campo, que contribuíram para encontrar respostas significativas para a questão: como a brincadeira incentiva a criança a se envolver, espontaneamente, durante as práticas brincantes? Diante do exposto, considero fundamental a função do professor como mediador nas brincadeiras, a fim de permitir que a criança na construção de conhecimentos sobre o mundo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança é um sujeito produzido e produtor de cultura que tem uma história para contar e está inserido num ambiente social. As suas experiências e vivências estão enraizadas na sociedade a qual faz parte e muito do que a criança socializa, aparece nas suas brincadeiras, ou seja, faz parte de sua realidade. Muitas vezes, o momento do brincar infantil é visto sem a importância que merece e sem que haja uma verdadeira atenção, desconsiderando esse espaço como um momento expressivo e essencial onde as crianças expõem o que pensam, o que conhecem, os seus desejos.

Brincar é uma ação em que a criança constrói significados tanto em relação ao papel desempenhado na brincadeira quanto para o amadurecimento das ideias, construindo, assim, conhecimentos significativos e indispensáveis.

Num determinado período, a criança começa a frequentar o espaço educacional, onde passa a conviver com sujeitos de culturas diversas. Foi pensando nesse espaço que, ao longo do trabalho, pude confrontar a teoria e a prática em relação às interações existentes no grupo infantil durante as brincadeiras, pude também perceber que o trabalho da instituição é fundamental para a prática. Não é interessante, sempre, deixar a criança brincando livremente, mas propor brincadeiras para que ela possa ampliar o repertório do brincar junto com os pares semelhantes, os parceiros de idades diferentes da sua, os adultos e com os diversos objetos presentes no espaço ou inseridos propositadamente. Considerando que o brincar é aprendido, é fundamental que o professor possa também planejar situações que envolvam a brincadeira para promover a ampliação do repertório brincante, o que dará a criança novas possibilidades de recursos para o entendimento da sua realidade.

Compreender como são os momentos do brincar no contexto educativo é fundamental para analisar as interações e permitir que a criança se desenvolva, pois o que notamos em alguns espaços escolares são professores que acreditam que não é necessário participar ativamente das brincadeiras com o seu grupo. A brincadeira livre também é fundamental e, infelizmente, muitas vezes, não são permitidas por justificarem que desorganizam o ambiente escolar. Isso faz com que não existam trocas de experiências entre os sujeitos, evitando, assim, o desenvolvimento individual e coletivo.

Não podemos deixar de abordar sobre a importância dos ambientes, como são formados, como são distribuídos os brinquedos, se existe espaço suficiente para a criança se sentir livre para transitar, pois é esse ambiente que tanto o brincar livre quanto o dirigido são permitidos.

Por meio do problema de pesquisa, que busca revelar como a brincadeira incentiva a criança a se envolver, espontaneamente durante as práticas brincantes, e mediante os estudos realizados, atingiu-se resultados satisfatórios através do objetivo de analisar como as crianças se relacionam uma com as outras, levando em consideração a brincadeira na educação infantil, buscando contribuições do brincar para a socialização da criança.

Movida pela ação do brincar da criança e pelo processo de interação presente nesse contexto brincante, organizei cuidadosamente momentos com o grupo 05 da Educação Infantil. Diante do que foi observado, foi possível concluir que a relação mantida entre os sujeitos de pesquisa era de afeto, cuidado, amizade, demonstrado durante o brincar com outra turma da educação infantil, relatado no capítulo o brincar e as interações na educação infantil. Porém momentos de desentendimentos e conflitos não deixavam de existir, como na situação exposta no mesmo capítulo, que relata a criança que não permitia que a colega estivesse usando a “corda”. Diante das diferentes situações, onde os indivíduos apresentam pensamentos, atitudes, culturas diferentes, os conflitos são resolvidos e mediados através das ações do professor que deve manter uma convivência agradável, respeitosa e ética entre os sujeitos.

Outro aspecto que merece ser destacado nessa investigação diz respeito à relação entre os grupos 4 (quatro) e 5 (cinco) anos da educação infantil da instituição pesquisada. Poucos são os momentos que existem e proporcionam interação entre essas turmas e quando essa ação acontece, é possível observar o envolvimento das crianças e o respeito que há entre os grupos. Se essa prática for mais frequente e se houver um cuidado em relação a isso, acredito que as crianças podem aprender umas com as outras, apesar da diferença de idades.

Retomando a questão investigativa desse estudo que interroga sobre como a brincadeira incentiva a criança a se envolver de forma espontânea nas cenas brincantes, foi possível perceber que o professor assume um lugar fundamental para esse diálogo no que se refere a incentivar a criança a brincar no espaço por ela ocupado e com os materiais disponibilizados. É fato que as crianças se inserem nas

brincadeiras pelo seu desejo e porque nelas encontram suas formas e saídas para explicar várias perguntas que fazem sobre a realidade, porém é sabido também que, no contexto educativo, o papel do professor como mediador nas brincadeiras pode exercer uma grande influência em relação as formas de participação dos seus alunos, de forma que ajude a criança a ampliar o repertório das ações no brincar, acrescentando com novos elementos que passa a surgir mediante a intervenção do professor.

Ainda como resposta à questão de pesquisa, mediante estudos realizados, percebi como o brincar harmoniza as ideias entre os brincantes a ponto de decidirem brincar de polícia e ladrão, por exemplo, todas as vezes que estavam no espaço do parque e quando mudam de cena, onde os meninos passam a ser os ladrões, revejo um consenso do grupo. Rejeição com uma atividade brincante entre os sujeitos é comum, porém eles também conseguem se organizar para que a brincadeira seja para todos.

A questão que mobilizou a realização da pesquisa tem relação com o comportamento de uma criança diante dos momentos do brincar, onde não conseguia interagir com os colegas, ficava sempre apreensivo em participar das diferentes situações propostas pelas crianças. Havia momentos em que a criança não conseguia ter um contato com os colegas tranquilamente, ela se espantava com gritos, com alguns gestos, enfim ficava sempre quieta. Diante da dificuldade de interação que a criança enfrenta percebo, como professora, que devo adotar procedimentos organizacionais, “[...] fornecer ambiente organizado e tranquilo, compreender a movimentação das crianças, estabelecer limites e apresentar regras com clareza, justificar proibições [...]” (OLIVEIRA, 2011, p. 215), são passos que melhora o comportamento de uma criança diante do seu papel como sujeito que precisa interagir para se desenvolver. Muito não pode ser feito, nesse caso específico que motivou o estudo, pois antes mesmo de concluir este trabalho a criança em referência saiu da escola por ter mudado de cidade.

No mais, a partir das observações realizadas, foi possível perceber que o brincar é de extrema importância na vida da criança. A interação com o ambiente e com os sujeitos envolvidos, que acontecem na cena brincante, permite a criança, ampliar as habilidades motoras, o raciocínio, dentre outros aspectos, bem como o desenvolvimento social e emocional que consolida a boa convivência entre os

sujeitos. É possível também, através dessas ações, reconhecer que são diferentes e apresentam desejos distintos.

Segundo Oliveira (2011), para uma boa convivência se faz necessário a organização de ambientes produtivos, seja no espaço do parque, da sala, biblioteca, ou qualquer outro espaço em que a criança ocupa, sendo eles organizado, tranquilo, com regras, propício para o trânsito da criança, que trate das proibições esclarecendo o porquê, enfim, agir de forma que faça com que a criança se desenvolva com respeito, solidariedade, companheirismo, entres outras formas de convivência agradável, sendo isso tarefa do professor como consta nos RCNEI:

A intervenção intencional baseada na observação das brincadeiras das crianças, oferecendo-lhes material adequado, assim como um espaço estruturado para brincar permite o enriquecimento das competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Cabe ao professor organizar situações para que as brincadeiras ocorram de maneira diversificada para propiciar às crianças a possibilidade de escolherem os temas, papéis, objetos e companheiros com quem brincar ou os jogos de regras e de construção, e assim elaborarem de forma pessoal e independente suas emoções, sentimentos, conhecimentos e regras sociais. (BRASIL, 1998, p. 29)

Ainda, em relação à questão formulada nessa pesquisa, acredito que cabe ao corpo docente preparar o ambiente, para que esteja propício à brincadeira e que estabeleça uma estrutura que favoreça a sua participação na cena brincante, atuando como organizador, participante, observador. Assim, a criança pode construir sua autonomia e saber integrar-se em outros grupos.

As reflexões, aqui apresentadas, serviram para mostrar que a brincadeira faz parte do universo infantil, e é com essa atividade que a criança se desenvolve, que conhece o outro do jeito que é, que cria estratégias para lidar com as emoções diárias, satisfaz seus desejos, passa a ser autônomo a ponto de fazer escolhas sobre as vontades particulares e a saber associar com a vontade do colega passando a criar estratégias para atender a ambas. Dessa forma, o brincar revela o quanto a criança consegue liberar suas emoções, sentimentos, na medida em que interage com sujeitos de idades iguais ou diferentes, com adultos, e através dos objetos, se envolvendo de forma cada vez mais natural.

O envolvimento acontece na medida em que as crianças passam a brincar e interagir com mais frequência, sentindo, cada vez mais, a necessidade de estar com os parceiros semelhantes, adultos, a fim de manter uma relação de troca, respeito,

compartilhando e conquistando saberes, enfim, desenvolvendo-se ao decorrer do tempo.

REFERÊNCIAS

- BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz de conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: Kishimoto, Tizuko Morchida (Org). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 63-80.
- BRASIL. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília, DF, 2010.
- _____. Secretaria de Educação Básica. *Brinquedos e brincadeiras nas creches: organização do espaço físico, dos brinquedos e materiais para bebês e crianças pequenas*. Brasília, DF, 2012, v. 4.
- _____. Secretaria da Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil*; introdução. Brasília, DF, 1998, v.1.
- BROUGERE, Gilles. A criança e a cultura lúdica. In: Kishimoto, Tizuko Morchida (Org). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 2011. p. 19-32.
- CERISARA, Ana BEATRIZ. De como o papai do céu, o coelhinho da páscoa, os anjos e o papai noel foram viver juntos céu! In: Kishimoto, Tizuko Morchida (Org). *O brincar e suas teorias*. São Paulo: Cengage Learning, 2011. p. 123-138.
- JESUS, Ana Cristina Alves de. *Como Aplicar Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil*. Rio de Janeiro: Brasport, 2010.
- KITSON, Neil. “Por favor, srta. Alexander: você pode ser o ladrão?” O brincar imaginativo: um caso para a intervenção adulta. In: Moyles, Janet R.(Org). *A excelência do brincar*. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 108-120.
- MACHADO, Marina Marcondes. *O brinquedo – sucata e a criança. A importância do brincar*. Edições Loyola. 6ª edição: junho de 2007.
- OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Educação Infantil: fundamentos e métodos*. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- WAJSKOP, Gisela. *Brincar na pré-escola*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.